

**Olho turco** A mão-de-obra feminina está também em outras frentes. A proprietária do café Mustafa In, por exemplo, é a mulçumana e ex-camponesa Ayshe Bektash. Aos 35 anos, seu rosto carrega muito mais rugas do que a sua idade. “Dizem que as mulheres que passam um bom café estão prontas para casar. Então pensei: se posso casar, posso trabalhar com o café”, diz ela. Por não ser coado, o típico café turco é quase agressivo ao paladar brasileiro. Mas não chega a ser ruim. Para acompanhá-lo, Ayshe serve delícias turcas (uma espécie de bala de goma) e, não raro, completa o serviço ao ler a borra do café. Nessa hora, o pratinho é colocado sobre a xícara de cabeça para baixo. E, ao radiografar as bolinhas que se desenhavam no fundo, Ayshe lê: “Poucas vezes vi uma xícara com tanto olho gordo”. O conselho: levar da Capadócia o olho turco, adereço de vidro que as famílias turcas têm na porta de casa. Não seria grego? “Foi inventado aqui, mas os gregos são melhores no marketing”, brinca ela.

Casada desde os 14 anos — “porque nossos pais assim quiseram” —, Ayshe teve o primeiro filho, Betil, aos 15 e o segundo, Seikan, aos 19. “Nem me perguntei se gostava do meu marido. Isso não fazia muito sentido”, afirma. “Hoje, 20 anos depois, sei que o amo”. Mustafa sempre pareceu um bom partido à família de Ayshe, mas foi ela que virou a mesa quando passaram por uma crise financeira. “O turismo ajudou os ocidentais a entender que mulher de véu não é tapada. A Capadócia, por sua vez, passou a entender que o trabalho é nobre para homens e mulheres.”

De Istambul, o voo para Kayseri ou Nevsehir, as maiores cidades da Capadócia, dura cerca de uma hora. A al-

ma da região, no entanto, se esconde nos povoados. Uchisar, Göreme, Avanos e Urgup são os vilarejos mais charmosos e formam o epicentro do turismo. É no caminho entre Göreme e Uchisar, por exemplo, que está Kaymakli, uma das principais cidades subterrâneas da Capadócia, onde quatro dos oito andares estão abertos a visitas. Sua incrível geometria fazia dela uma espécie de condomínio de luxo na época em que as cavernas eram habitadas, com quarto, sala, banheiro, copa, cozinha e um local para rezar. Mesmo hoje, visitá-la não é exatamente confortável. O frio e a umidade incomodam e as passagens estreitas dão a sensação de sufocamento. Mas é passeio para não deixar de ser feito — se a coragem faltar, faz bem lembrar que centenas de pessoas não só andavam como moravam naqueles túneis.

Outro highlight da região, que rapidamente cai nos ouvidos dos forasteiros, é o show da dançarina Clara Sussekind. Barriga durinha e seca, olhos escuros, cabelo preto, nariz comprido, pele clara e talento para requebrar o quadril em até 50 vezes por minuto são os atributos que fazem dela a maior dançarina do ventre da Capadócia. Não é pouca coisa, ainda mais se considerarmos que de turca ela não tem nada. Clara nasceu no Rio de Janeiro há 35 anos e vive na Turquia há dois. Veio atraída pela dança, mas não a do ventre. “Deixei minha casa em Copacabana para fazer um curso de giro sufi (dança religiosa em que o bailarino roda em torno de seu próprio eixo para entrar em contato com a espiritualidade), em Istambul”, conta. “Aqui descobri que na tradição o sufi é só para homens.” Frustrada, decidiu viajar para a Capadócia, onde voaria de balão. Foi voo sem volta, pelo menos até agora. “Quando vi uma lojinha onde se vendiam roupas para dança do ventre, fui me informar sobre os cursos.”

Para ter o posto de melhor dançarina do ventre, é preciso, no entanto, respeitar uma regra: os turistas não podem desconfiar que o show no Haarmandali é estrelado por uma brasileira. “Seria tão frustrante quanto um turista no Brasil descobrir que assistiu a um show de samba com uma turca”, diz. Até agora sua identidade foi preserva-

**Boa sorte**  
A ex-camponesa Ayshe Bektash lê a borra do café

da — tanto que ela já tem status de atração turística. “Quase tão importante como as cavernas e os balões”, diz Esra Balci, a guia que nos levou ao show de Clara. Aos 34 anos, >

DESCOBRIR  
QUE SOU  
BRASILEIRA  
SERIA TÃO  
FRUSTRANTE  
QUANTO UM  
TURISTA  
ASSISTIR  
A UM SHOW  
DE SAMBA E  
SABER QUE A  
DANÇARINA  
É TURCA

— Clara Sussekind



Primeira  
bailarina  
A carioca  
Clara  
Sussekind  
faz o melhor  
show de  
dança do  
ventre no  
coração  
da Turquia